

A cachoeira e a quarentena mortífera (XV)

Compramos o apartamento da Barata Ribeiro de uma arquiteta e também decoradora. Ela tinha bom gosto, diga-se de passagem, pois mesmo com 32m² parecia ter bem mais (talvez uns 34 ou 35).

A arquiteta solteirona, vegetariana e budista arrumou uma namorada e foi morar em Mauá. Nunca mais eu soube dela, mas imagino que ela hoje deve ser sócia de restaurante vegano, pois a namorada era *chef de cuisine*.

Nunca mexemos no apartamento, pois além de ser suficiente para mim, Marli (minha mulher) e Calissa (minha filha), na época com 4 anos, não tínhamos dinheiro nem pra blindar as duas janelas de frente pra Barata Ribeiro.

A minúscula cozinha, que para uma vegetariana era ciclópica, para nós era suficiente para duas pessoas em pé.

Quando Dona Zilá (minha sogra) veio morar conosco degradingolou geral. A única exigência intransigente que fiz foi que ela dormisse na espremida sala e que eu continuaria com minha mesinha do computador embaixo da janela da sala. Como ela era ½ surda eu poderia ficar no computador até altas horas. Trato feito.

Todavia, a sala de espremida virou uma tripa com um corredor polonês no meio e a cozinha de minúscula virou microscópica. Nada que pudesse abalar meus nervos.

As horas extras da loja de sapatos me adernavam ao lar e ao leito sempre após o sono plácido da sogra. Mas, sempre há um senão. Veio a quarentena. O antes 'degradingolou geral' virou 'degradingolou de vez'. Além de ter que levar a sogra todas as manhãs na farmácia, ela ainda ficou observando meus modos e me comunicou o fato observacional. Mas depois de seu desabafo sincero ficamos em paz na paz do isolamento.

Passados alguns dias, estava eu a pesquisar no GOOGLE sobre o monstro do lago NESS e o Celacanto que provoca maremoto quando ouvi a voz: "*Está chovendo na minha cabeça.*" Pensei em demência senil, Alzheimer, essas coisas, e mesmo de costas respondi: "*Dona Zilá, muda de lugar.*" Quinze minutos depois, a frase ameaçadora: "*A chuva aumentou.*" Com um esforço sobre-humano, justo na hora da foto do Celacanto, me virei e vi o incrível, inacreditável, extraordinário: caía uma cachoeira do teto, justo em cima da sogra.

Desde menino eu sempre demorei a reagir frente a situações imprevistas e inusitadas. Pasma, fiquei olhando meu apê se transmutando no *Niagara Falls*.

Peguei Dona Zilá no colo e a depusitei ao lado de Marli em seu eterno sono profundo. Desci correndo as escadas, mesmo sem camisa àquela hora da noite e, apavorado, pedi socorro ao Raimundo (que cochilava). "*Raimundo meu apartamento está inundado.*" Porteiro, sempre prestativo, subiu comigo e viu a cena cachoeiral. Desolado, ele falou: "*Ih, seu Domi, o seu Jorge do 403 está na quarentena em Maricá.*" Tive vontade de chorar, gritar, haraquiri, abandonar tudo. Mas, imbuído de uma responsabilidade inédita, com a firmeza de Átila, o Huno, decretei: "*Vamos fechar a coluna 03 de água!!!!*" Raimundo disse que ia dar merda e eu assumi de forma decisiva e irreversível: "*Que dê merda. Vamos fechar essa porra!!!!*"

Bem, pra encurtar a história, estou participando de audiências judiciais à distância. Até agora foram 14 ações contra mim, mas não me importo.

Espero pacientemente o tal do Jorge voltar de Maricá.

Afinal, quarentena tem que servir pra alguma coisa. ●●●